

**O INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS
GERAIS - CAMPUS OURO PRETO
TECNOLOGIA EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE BENS IMÓVEIS**

CINTIA MURTA CASTRO LIMA

ARTE TUMULAR:

CEMITÉRIO DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE DE BARBACENA

Ouro Preto

2021

CINTIA MURTA CASTRO LIMA

ARTE TUMULAR:

CEMITÉRIO DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE DE BARBACENA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Tecnóloga em Conservação e Restauração de Bens Imóveis.

Orientador: Prof. Me. Alexandre F. Mascarenhas

Ouro Preto

2021

L732a Lima, Cintia Murta Castro.
Arte tumular [manuscrito] : Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte de
Barbacena / Cintia Murta Castro Lima. – 2021.
79 f. : il.

Orientador: Alexandre Ferreira Mascarenhas.
Trabalho de Conclusão de Curso (tecnologia) – Instituto Federal de
Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto, 2021.

1. Arte tumular. 2. Monumentos funerários. 3. Patrimônio cultural -
Barbacena. I. Mascarenhas, Alexandre Ferreira. II. Instituto Federal de
Minas Gerais. *Campus* Ouro Preto. III. Título.

CDU: 726.8

CINTIA MURTA CASTRO LIMA

ARTE TUMULAR:

CEMITÉRIO DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE DE BARBACENA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Tecnóloga em Conservação e Restauração de Bens Imóveis.

Orientador: Prof. Me. Alexandre F. Mascarenhas

Aprovado em 12 de julho de 2021 pela banca examinadora:

Prof. Dr. Alexandre F. Mascarenhas – IFMG
Orientador

Prof. Dr. Alex Fernandes Bohrer – IFMG
Membro da Banca

Jeferson Alexandre Cruz – Tecnólogo em Conservação em Restauo
Membro da Banca

À memória da minha amada mãe!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por tudo que me proporcionou até hoje e ainda me proporciona e por dar tranquilidade ao meu espírito nos momentos mais difíceis da minha vida.

Sou grata a todos, que direta ou indiretamente contribuíram para que eu concluísse mais essa etapa. Obrigada aos meus colegas do IFMG, aos professores e funcionários do Instituto.

Aos funcionários do Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte, dos salões paroquiais da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e Matriz de Nossa Senhora da Piedade, da Casa de Cultura e da Biblioteca de Barbacena, pela a atenção e contribuição.

Aos meus pais, pela formação que foi me dada. Às minhas irmãs pela amizade e atenção. Ao Arthur, pelo companheirismo, cuidado, carinho e presença incansável em todos os momentos.

A todos os meus familiares, agradeço por tudo que vivi e que sou, afinal eu sou o que sou pelo que nós somos.

UBUNTU

ARTE TUMULAR:

CEMITÉRIO DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE DE BARBACENA

RESUMO

Existem diversas maneiras da sociedade conservar a memória dos seus entes queridos, na maioria das vezes, através de uma produção visual como ferramenta de preservação dessa memória. Para os cristãos, a necessidade de preservar a memória do falecido está ligada à fé na vida eterna e no desejo de ligar o mundo dos vivos ao mundo dos mortos, daí surgem túmulos que representam essas memórias e desejos, túmulos personalizados que formam um rico acervo artístico. E este trabalho tem por objetivo mostrar a importância e riqueza da arte tumular. A pesquisa parte do contexto histórico da cidade de Barbacena, onde surgiu as obras estudadas, da construção da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e do Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte, hoje administrado pela Prefeitura Municipal de Barbacena, que serve de base para uma leitura construtiva, estilística, iconográfica de algumas obras pertencentes ao cemitério em questão.

~~A sociedade sempre buscou conservar a memória dos seus entes queridos, para os cristãos, a necessidade de preservar a memória do falecido está ligada à fé na vida eterna e na vontade de ligar o mundo dos vivos ao mundo dos mortos, daí surgem túmulos que representam essas memórias e desejos. Este trabalho tem por objetivo mostrar a importância e riqueza da arte tumular, principalmente em Minas Gerais. A pesquisa parte do contexto histórico da cidade de Barbacena, onde surgiu as obras estudadas, da construção da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e do Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte, hoje administrado pela Prefeitura Municipal de Barbacena, que serve de base para uma leitura construtiva, estilística, iconográfica de algumas obras pertencentes ao cemitério em questão.~~

Palavras-chave: Arquitetura; Arte tumular; Preservação; Barbacena.

TOMB ART:

CEMETERY OF OUR LADY OF GOOD DEATH OF BARBACENA

ABSTRACT

There are several ways society can preserve the memory of their loved ones, most of the time, through visual production as a tool to preserve that memory. For Christians, the need to preserve the memory of the deceased is linked to faith in eternal life and the desire to link the world of the living to the world of the dead, hence tombs that represent these memories and desires, personalized tombs that form a rich collection artistic. And this work aims to show the importance and richness of tomb art. The research starts from the historical context of the city of Barbacena, where the studied works emerged, the construction of the Brotherhood of Nossa Senhora da Boa Morte, the Church of Nossa Senhora da Boa Morte and the Cemetery of Nossa Senhora da Boa Morte, currently administered by the City Hall Municipal de Barbacena, which serves as the basis for a constructive, stylistic and iconographic reading of some works belonging to the cemetery in question.

Keywords: Architecture; Tomb art; Preservation; Barbacena.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Tumulo interno na Igreja São Francisco de Assis – Ouro Preto.....	13
Figura 2 - Solitudo Cemitério da Consolação	19
Figura 3 Mausoléu da Família Siciliano - Cemitério da Consolação – São Paulo.....	20
Figura 4 Tumulo de Thomaz Soubihe - Cemitério da Consolação – São Paulo.....	20
Figura 5 Tumulo da família Rangel Moreira - Cemitério da Consolação	21
Figura 6 Pére Lachaise - Paris.....	23
Figura 7 Arlington Naticional Cemetery - Arlingthon.....	23
Figura 8 Karameikon - Atenas.....	24
Figura 9 Montparnass - Paris	24
Figura 10 Wadi-us-Salaam- Najaf	26
Figura 11 Templo Okunoin - Koyasan.....	26
Figura 12 Recoleta – Buenos Aires.....	27
Figura 13 Cementerio de La Chaca- Buenos Aires.....	27
Figura 14 Cementerio General de Chile.....	28
Figura 15 Cemitério São João Batista – Rio de Janeiro.....	28
Figura 16 Cemitério da Consolação - São Paulo	29
Figura 17 Cemitério do Bomfim.....	29
Figura 18 - Fazenda da Borda.....	30
Figura 19 Capela da Piedade da Borda do Campo.....	31
Figura 20 Monumento onde indicando local que braço de Tiradentes foi enterrado.....	33
Figura 21 - Primeiro brasão do Município de Barbacena	33
Figura 22 Frontão da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte com data de 1815	39

Figura 23 Localização do Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte – Barbacena	41
Figura 24 Capela Mortuária do Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte	43
Figura 25 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte	45
Figura 26 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte	45
Figura 27 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte	45
Figura 28 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte	45
Figura 29 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte	46
Figura 30 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte	46
Figura 31 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte-	46
Figura 32 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte-	46
Figura 33 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte	47
Figura 34 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte	47
Figura 35 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte	47
Figura 36 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte	47
Figura 37 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte Barbacena	48
Figura 38 Mausoléu da Família Sad	49
Figura 39 Fachada Frontal - Mausoléu Família Sa	50
Figura 40 Fachada lateral esquerda	50
Figura 41 Fachada lateral direita	51
Figura 42 Fachada posterior	51
Figura 43 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte	52
Figura 44 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte	52
Figura 45 Fachada Frontal do Mausoléu da família Metello	54
Figura 46 Mausoléu da Família Metello	55
Figura 47 Fachada lateral esquerda	56
Figura 48 Degrau de acesso ao Mausoléu da família Metello	57
Figura 49 Fachada posterior do Mausoléu da família Metello	57
Figura 50 Fachada lateral direita do Mausoléu da família Metello	58
Figura 51 Piso exterior do Mausoléu da família Metello	58
Figura 52 Jazigo Ornamental da família Bias Fortes	62
Figura 53 Portão de acesso ao "interior" da obra	63
Figura 54 Cruz que se encontra no chão do Jazigo	63
Figura 55 Detalhe do Jazigo Ornamental da família Bias Fortes	64

Figura 56 Figura feminina segurando um lapis em uma mão e uma guirlanda em outra mão	64
Figura 57 Figura feminina segurando um lapis em uma mão e uma guirlanda em outra mão	65
Figura 58 Detalhe no Jazigo da família Bias Fortes	66
Figura 59 Detalhe, urna direita, no Jazigo da família Bias Fortes	67
Figura 60 Detalhe, urna esquerda, no Jazigo da família Bias Fortes	68
Figura 61 Parede de fundo do Jazigo da família Bias Fortes	68
Figura 62 Brasão no Jazigo da família Bias Fortes	69
Figura 63 Atual brasão do estado de Minas Gerais	71
Figura 64 Monograma - Jazigo da família Bias Fortes	71
Figura 65 Brasão de Barbacena. - Jazigo da família Bias Fortes.....	72
Figura 66 Detalhe da parte de cima da parede. - Jazigo da família Bias Fortes.	72
Figura 67 Vaso com chamas. - Jazigo da família Bias Fortes.....	73
Figura 68 Coluna. - Jazigo da família Bias Fortes.....	73
Figura 69 Gramado em volta. - Jazigo da família Bias Fortes.....	74
Figura 70 Parte posterior do Jazigo da família Bias Fortes.....	74
Figura 71 Fazenda do Resgistro Velho	79
Figura 72 Antiga Cadeia Publica	80
Figura 73 Escola Preparatoria de Cadetes do Ar - EPCAR.....	80
Figura 74 Colégio Imaculada Conceição	81
Figura 75 Escola Agrotécnica Federal	81
Figura 76 Fórum Mendes Pimentel	83
Figura 77 Santa Casa da Misericórdia de Barbacena.....	84
Figura 78 Palácio da Revolução Liberal (Atual Câmara Municipal).....	84
Figura 79 Jardim do Globo.....	85

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	
2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA – CEMITÉRIO	
3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA – ARTE TUMULAR	
4. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA – BARBACENA	
5. A IRMANDADE E A IGREJA DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE	
6. CEMITÉRIO DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE	
6.1 Mausoléu da Família Sad.....	
6.2 Mausoléu da Família Metello.....	
6.3 Jazigo da Família Bias Fortes.....	
7. CONCLUSÃO	
8. REFERENCIA BIBLIOGRAFICA	
9. APÉNDICE	
I. Bens tombados	

1. INTRODUÇÃO

A morte é um fato presente em toda sociedade e lidar com a mesma é algo inevitável. Os cemitérios são espelhos culturais do mundo dos vivos, fruto dessa relação entre a vida e a morte. É um ambiente que podemos visualizar diferentes expressões sociais, culturais, ideológicas, econômicas em diversos contextos históricos, todos com o mesmo objetivo, evidenciar as memórias da vida sobre a morte. E a Arte Tumular, fazendo uso de diversas formas, estilos, pinturas, ornamentos, alegorias, materiais, dentre outros, causam uma comunicação entre os dois mundos, dos vivos e dos mortos. E é, também, uma forma de preservar a memória particular e coletiva da população de uma região. Tornando-os uma espécie de “museus à céu aberto”. Alguns lugares, já possuem esses espaços em seus roteiros históricos, como o cemitério de La Recoleta, na Argentina.

As sepulturas se tornam espaços para a família representar a forma como vê o morto, certamente de uma forma idealizada pelos mesmos, estabelecendo o que deve e o que não deve ser lembrado e repassado.

A arte tumular é uma grande ferramenta para estudiosos, principalmente os historiadores, já que suas formas permanentes trazem características do tempo da criação.

O cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte, localizado na cidade de Barbacena, construído pela Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, juntamente com outras irmandades da região, está hoje sobre administração da Prefeitura Municipal e possui um rico acervo tumular onde grande parte de suas sepulturas são compostas por montagens representativas. Sendo local de descanso eterno de grandes nomes da história da cidade, do estado e da nação.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA – CEMITÉRIO

Na antiga Roma, na era cristã, séculos I à IX, os corpos eram enterrados em catacumbas ou próximos aos templos. Na idade média, séculos V à XV, os falecidos eram entregues às igrejas para aguardar o dia do juízo final. Segundo a tradição católica, aproximava os mortos aos santos, era um espaço de prestígio, quando mais próximo a capela-mor, maiores seriam os privilégios.

Até o século XIX, os sepultamentos eram realizados na parte interna de igrejas (*Fig. 1*), pratica essa que, segundo a tradição católica, aproximava os mortos aos santos, além de ser um grande prestígio.



Figura 1 Túmulo interno na Igreja São Francisco de Assis – Ouro Preto. Fonte: Cintia Murta Lima

Com o tempo surgiram alguns problemas, a falta de espaço para todos os corpos e a contaminação do solo que gerou uma questão de saúde pública. E na Europa Iluminista, a medicina concluiu, no século XVIII, de forma gradual que o meio influenciava no organismo humano. O que resultou na preocupação com a higiene pública e os sepultamentos internos passaram a ser questionados e passaram a ser vistos no mesmo grupo de contaminação que estão as latrinas, os canos, os

matadouros, entre outros, e concluíram que ao ar livre, as partículas de contaminação não são nocivas como em local externo.

E o Brasil presenciou ao nascimento histórico de protestos populares pela luta da conservação dos tradicionais sepultamentos internos, consequência do surgimento de uma medida sanitária que regulamentava os sepultamentos e exigiam que os enterros fossem realizados em área aberta, espaços denominados por cemitérios secularizados ou campos-santos. Os povos de predominância católica foram os mais afetados. No Brasil os enterros na área externa das igrejas eram destinados aos protestantes, mulçumanos, escravos, judeus e acatólicos. Mas inspirado na correlação criada entre a transmissão de doenças aos restos dos corpos que se encontravam nas naves das igrejas, somado ao crescimento das cidades e a falta de locais, no interior das igrejas, para os sepultamentos de todos os mortos provenientes dessa urbanização acelerada, surgiram no final do mesmo século, as primeiras preocupações higienistas e advertências sobre os cemitérios.

Em 1801, uma carta régia proibiu os sepultamentos em igrejas e ordenou ao governo da Capitânia que providenciasse a construção de cemitérios, podendo ser em locais afastados da igreja e até da cidade, que desencadeou mais protestos em toda a Colônia e causou angustia aos fiéis, que temendo à morte e desejando o caminho da salvação, acreditando que sepultados dentro da igreja estariam mais próximos de Deus, buscavam os sepultamentos em territórios sagrados, e contrariou a própria legislação eclesiástica que concedia o direito, para todos os cristãos, de serem enterrados em terra sagrada. Sendo assim, a implantação dessa lei não foi concretizada, prova disso são os registros da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, que consta regulamentações de sepultamentos do 1831, no interior e adro da Igreja.

Em 1828, uma lei imperial reiterou a proibição dos sepultamentos em igrejas e ordenava a construção de cemitérios externos. A responsabilidade pela cobrança de obediência a lei, foi passada para as Câmaras Municipais, o que novamente gerou protestos, tendo agora a participação de representantes das próprias câmaras, e também de irmandades, párocos, além do povo que já vinham protestando.

Os sepultamentos internos só foram extintos em 1917, com o Código de Direito Canônico que proibiu a prática, como registrado na legislação eclesiástica.

Em muitas regiões, esses cemitérios continuam em solo sagrado, muitas vezes adjacentes às capelas.

Analisando a diferença entre a sepultura de igreja e as de cemitérios à céu aberto, podemos notar a presença de construções arbitradas pela imaginação dos usuários, tornando-se espaço de construções pomposas e monumentais. Por outro lado, nas sepulturas coletivas, ainda encontramos a simplicidade dos túmulos tradicionais. O que torna os cemitérios verdadeiras galerias de obras de arte à céu aberto, podendo ser encontradas peças e esculturas assinadas por grandes artistas como, no cemitério da Consolação em São Paulo, que é possível apreciar obras dos consagrados artistas, Brecheret e Luigi Brizzolara, e também de outros menos consagrados como Ramando Zago e Eugenio Pratti.

Não pode deixar despercebido o surgimento das capelas mortuárias, construções de menor porte para a prática de um culto que celebra a morte. Não que a liturgia fúnebre tenha, em algum momento, sido separada do interior das igrejas como foram os sepultamentos, mas nos locais onde havia o cemitério acompanhava-se de local próprio para estas celebrações específicas. Para compreender este processo, precisamos levar em conta os fatores envolvidos, que são econômicos, sociais e culturais correntes no século XIX, principalmente na província de Minas Gerais. Socialmente, a função de separar brancos e ricos (no interior das igrejas), negros e pobres e justicados (em cemitérios), encontrava-se bem definida, havendo uma consciência coletiva de superioridade/inferioridade como desenvolvido na colônia, sendo inconcebível ao homem da época uma transformação que se apresentava tão prejudicial. Outro fator importante diz respeito à conjuntura econômica da Igreja na primeira metade do século XIX. Os recursos provenientes do dízimo eram imprescindíveis para a organização e manutenção da Igreja no Brasil, sendo que sua instituição, então, ficava a cargo dos próprios colonizadores, salvo minguados auxílios do Governo. Os emolumentos da morte apresentavam-se, neste sentido, fundamentais, visto que deles provinham grande parte desta renda. Assim sendo, tais rendas seriam subtraídas em grande parte com a proibição dos sepultamentos no interior das igrejas. Os referidos sepultamentos no

interior dos templos só passaram a ser raros a após 1917, quando o Código de Direito canônico proibiu definitivamente esta prática. Se aos mortos foi vetada a permanência no interior dos templos, permaneceram no direito dos territórios sagrados, com cemitérios adjacentes às igrejas. Como parte do território sagrado, as capelas mortuárias passaram a ter sua importância evidenciada, uma vez que funcionavam no mesmo espaço específico para a celebração da morte. Ainda presentes e em pleno funcionamento, os cemitérios sagrados, com suas capelas mortuárias e seus túmulos ornamentados revelam aspectos importantes da sociedade mineira nos séculos XIX.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA – ARTE TUMULAR

Para a maior parte das pessoas, os cemitérios podem representar apenas o fim da vida ou um local de homenagem onde está depositado os restos mortais de seus falecidos. Apesar dessa visão sombria, esses locais podem ser verdadeiras galerias de arte a céu aberto. A morte, associadas às tradições, aos rituais e à incerteza sobre a morte e a pós morte aciona o imaginário das pessoas, agindo na criatividade e na vontade de atenuar a ausência e a dor da morte.

Encontrar obras de afamados artistas em sepulturas de pessoas endinheiradas, é algo comum em cemitérios mais antigos. Mausoléus costumam ser as obras de maior investimento. Com a necessidade de eternizarem-se perante a sociedade, os europeus criavam um símbolo de prosperidade a partir de seus túmulos. Os objetos que enalteciam as sepulturas eram produções artesanais.

Seguramente a burguesia tem um importante papel na concepção dessa arte, principalmente se analisarmos pelo ponto de vista de diferenciação social. Pela perspectiva de BOURDIEU, 2007, onde a disposição estética é caracterizada como a expressão distintiva de uma posição social privilegiada, onde o valor distintivo é determinado rigorosamente na relação com expressões elaboradas a partir de diferentes condições.

Apresentando um tipo de tributo pago, de forma indireta, para com a morte, a representação de dor é o principal tema representado na arte fúnebre. Rejeitando a ideia de morte. Apresentando uma riqueza de detalhes e leveza a arte foi inserida em um espaço de tristeza e saudade.

Com o início da art nouveau e a produção industrial da estrutura arquitetônica e escultural dos jazigos, no fim do século XIX, o custo foi reduzido e a arte tumular democratizada, tornando possível as famílias menos abastadas investir em um jazido. Na transição dos períodos Neoclássico e Belle Époque, que se deu entre 1850 e 1890, trazendo novas intenções e espiritualidade dos artistas. Passaram a ser usadas imagens líricas e ao mesmo tempo realista. Figuras aladas e assexualizadas ganham sexo e expressam idade, espelham a juventude

simultaneamente demonstram a desolação, de forma melodramática e cênica. Nesse mesmo período foram inseridas

as alegorias que simbolizam prestígio, prosperidade e fortuna, e também, figuras pagãs ou mitológicas.

No Brasil, a arte tumular teve seu início com famílias abastadas com a intenção de construir túmulos monumentais. Com técnicas relativamente novas para os brasileiros, a presença do nu foi considerada uma grande inovação, tendo sua primeira representação no Cemitério da Consolação, na cidade de São Paulo. Solitude (*Fig. 2*), foi criado em 1922 pelo artista Francisco Leopoldo e Silva. A imagem é representada por uma mulher vestida apenas por um véu translúcido que realça suas formas.



Figura 2 - Solitude Cemitério da Consolação – São Paulo. Fonte: [Passear e Fotografar: Arte nos Cemitérios Consolação e São Paulo](#)

O Cemitério da Consolação guarda um grande acervo tumular, principalmente desse período inicial, além de Solitude, o cemitério conta com outras grandes obras como;

Mausoléu da Família Siciliano, obra de Amadeo Zani (Fig. 3)



Figura 3 Mausoléu da Família Siciliano - Cemitério da Consolação – São Paulo. Fonte: [Cemitério da Consolação: Arte Tumular | Ateliê, Arte e Restauração \(ateliarterestauracao.com.br\)](http://Cemitério da Consolação: Arte Tumular | Ateliê, Arte e Restauração (ateliarterestauracao.com.br))

- Tumulo de Thomaz Soubihe, obra de Antello del Debbio (Fig. 4)



Figura 4 Tumulo de Thomaz Soubihe - Cemitério da Consolação – São Paulo. Fonte: [File:Antello del Debbio - Túmulo de Thomaz Soubihe 01.JPG - Wikimedia Commons](https://www.wikimedia.org/wiki/File:Antello_del_Debbio_-_Túmulo_de_Thomaz_Soubihe_01.JPG)

- Túmulo da família Rangel Moreira, obra de Celso Antônio de Menezes (*Fig. 5*)



Figura 5 Túmulo da família Rangel Moreira - Cemitério da Consolação – São Paulo. Fonte: [Celso Antônio de Menezes – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Celso_Ant%C3%B4nio_de_Menezes)

Apesar da grandiosidade dessas obras, a arte tumular no país não obedeceu a uma lógica e em muitos túmulos o que podemos notar é uma aglomeração de peças dispostas de forma aleatória, tornando-se difícil a tarefa de criar uma linha cronológica e, algumas vezes simbólicas, dessas obras.

A simbologia tem o poder de representar, além de contextos históricos, contextos ideológicos, religiosos, sociais e econômicos, representado através dos símbolos, sentimentos como o amor, a tristeza, a saudade, o respeito, a dor, a reflexão. E o roubo de peças associado a falta de conservação das obras deixa a arte tumular e sua simbologia afetadas. Atualmente é difícil encontrar artistas dedicados a esse tipo de obras. As famílias apresentam mais interesse em sepultar seus mortos em cemitérios jardins, que são mais comuns nos dias de hoje, ou em túmulos simples.

Em todo o mundo existem cemitérios que venceram o título de sombrio e se abriram para o turismo, como, o Père Lachaise (*Fig. 6*), na França, que estão

sepultados nomes como Jim Morrison, ex-vocalista da banda The Doors, o escritor e dramaturgo Oscar Wilde e o pianista Frédéric Chopin.



Figura 6 Père Lachaise - Paris. Fonte: [Cemeterio, Père Lachaise en París. Reportajes. \(infoesqueles.com\)](http://infoesqueles.com)

No Arlington Nacional Cemetery (*Fig. 7*), nos Estados Unidos da América, considerando sua extensão e infraestrutura, o circuito turístico é guiado e realizado por meio de um micro-ônibus. O cemitério é moderno e do tipo cemitérios jardins. É exemplo quando falamos do fim dos túmulos grandiosos e ornamentados.



Figura 7 Arlington Nacional Cemetery - Arlington. Fonte: [Arlington National Cemetery - Home \(arlingtoncemetery.mil\)](http://arlingtoncemetery.mil)

Na Grécia, o histórico Karamaikon, um antigo cemitério em Atenas que também é um museu arqueológico (*Fig. 8*).



Figura 8 Karamaikon - Atenas. Fonte: [Atenas: O Histórico Cemitério Kerameikos e Museu Arqueológico - Viajonários \(viajonarios.com.br\)](http://viajonarios.com.br)

Também em Paris, o Montparnasse (Fig.9).



Figura 9 Montparnasse - Paris. Fonte: Discover the Montparnasse Cemetery in Paris - French Moments

O Wadi-us-Salaam (Fig.10), localizado em Najaf no Iraque, é o maior cemitério Islâmico existente e o maior do mundo, quando se trata de ativo. Com

cerca de cinco milhões de corpos distribuídos em aproximadamente seis quilômetros quadrados.



Figura 10 Wadi-us-Salaam- Najaf. Fonte: [Conheça o Wadi us-Salaam - O maior e mais surpreendente cemitério ativo do mundo! \(rockntech.com.br\)](http://rockntech.com.br)

O Templo Okunoin (Fig.11) é um santuário que abriga o mausoléu de Kobo Daishi, também conhecido como Kukai. E fica em **Koyasan**, que é o local mais sagrado para o budismo Shingon dentro do Japão.



Figura 11 Templo Okunoin - Koyasan. Fonte: [Templo Okunoin | Wakayama Attractions | Viagens Japão | JNTO \(japan.travel\)](http://japan.travel)

Na América do Sul os principais são; Recoleta (*Fig. 12*), na Argentina, onde foi sepultado o corpo de Eva Perón e recebe milhares de visitante todos os anos.



Figura 12 Recoleta – Buenos Aires. Fonte: [Cemiterio da Recoleta \(buenosairesturismo.com.br\)](http://Cemiterio da Recoleta (buenosairesturismo.com.br))

O cementerio de La Chacarita (*Fig. 13*), também localizado na Argentina, que guarda os restos mortais do ex-presidente da Argentina, Juan Perón e do cantor Carlos Gardel.



Figura 13 Cementerio de La Chaca- Buenos Aires. Fonte: [Historia – Cementerio de la Chacarita \(cemeteriochacarita.com.ar\)](http://Historia – Cementerio de la Chacarita (cemeteriochacarita.com.ar))

No Chile, o Cemeterio General de Chile (Fig.14), com o tumulo do ex-presidente Salvador Allende

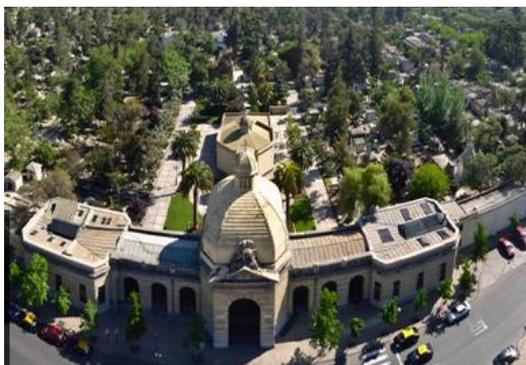


Figura 14 Cemeterio General de Chile. Fonte: [Sepulturas » \(cementeriogeneral.cl\)](http://Sepulturas.com/cementeriogeneral.cl)

No Brasil, os cemitérios que se destacam no cenário turístico são;

Cemitério São João Batista (Fig.15), na cidade do Rio de Janeiro, estão sepultados os corpos de personalidades como Tom Jobim e Carmem Miranda.



Figura 15 Cemitério São João Batista – Rio de Janeiro. Fonte: [Cemitério São João Batista - Funeral, Cremação e Plano Funeral \(cemiteriosaojoabatista.com.br\)](http://Cemitério São João Batista - Funeral, Cremação e Plano Funeral (cemiteriosaojoabatista.com.br))

Cemitério da Consolação em São Paulo (*Fig. 16*) que encontram-se no seu interior, os túmulos de Monteiro Lobato, Campos Sales e Tarsila do Amaral.



Figura 16 Cemitério da Consolação - São Paulo. Fonte: [Sobre o Cemitério da Consolação - Referência em Arte Tumular \(cemiterioconsolacao.com\)](http://Sobre o Cemitério da Consolação - Referência em Arte Tumular (cemiterioconsolacao.com))

Cemitério do Bomfim em Belo Horizonte (*Fig. 17*), construído no mesmo período que a capital de Minas Gerais, foi por muitos anos o único cemitério da cidade.



Figura 17 Cemitério do Bomfim. Fonte: [Cemitério do Bomfim | Prefeitura de Belo Horizonte \(pbh.gov.br\)](http://Cemitério do Bomfim | Prefeitura de Belo Horizonte (pbh.gov.br))

4. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA – BARBACENA

Barbacena está localizada entre duas colinas, denominadas Monte Mario e Cruz das Almas, nos Campos das Vertentes, em pleno planalto da Serra da Mantiqueira. É também conhecida por sua notável floricultura, com grande exportação de rosas, sendo chamada de Cidade das Rosas. Fica há 163 quilômetros da capital mineira, Belo Horizonte. Faz parte do caminho da Estrada Real e fica a 45 quilômetros da cidade histórica de Tiradentes, 60 quilômetros de São João Del Rei e 209 quilômetros de Ouro Preto.

O aparecimento do ouro no fim do século XVII e início do século XVIII provocou um povoamento intenso na região da Minas Gerais. Em 1709 a capitania de Minas e São Paulo é separada do Rio de Janeiro, fato que ocorreu após a Guerra dos Emboabas. É dessa época que surgiu o povoado que originou Barbacena, a Fazenda Da Borda (*Fig. 18*), pertencente a Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, que foi quem edificou a primeira casa, sede da fazenda, local que hoje pertence ao município de Antônio Carlos. A casa-sede, além de hospedar parte do exército, chefiado por Antônio Albuquerque, que desceu de Vila Rica, para lutar contra a invasão dos franceses no Rio, em 1711, serviu também como apoio para a realização das obras do Caminho Novo. E foi nesse mesmo ano que com a colaboração de moradores da região e companheiros de trabalho, o Coronel Rodrigues começou a construção da capela da fazenda, Capela de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, que se tornaria matriz em 1726.



Figura 18 - Fazenda da Borda. Fonte: [Fazenda Borda do Campo - \(minaspira.com.br\)](http://fazenda.borda.do.campo-(minaspira.com.br))

Com a distribuição de sesmarias e, conseqüentemente, aumento da população, viu-se necessário a construção de uma edificação maior e no dia 9 de dezembro de 1743, inicia-se a edificação de uma nova capela, que substituiria a capela da fazenda, por influência do Bispo Dom Freire Antônio de Guadalupe. Local onde ainda se assenta a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade, no centro da cidade de Barbacena e em novembro de 1748, antes da conclusão das obras, já entrou em funcionamento. A Capelinha da Piedade da Borda do Campo, ainda existe e marca o início do município (Fig. 19).



Figura 19 Capela da Piedade da Borda do Campo. Fonte: [Fazenda Borda do Campo - \(minaspira.com.br\)](http://fazenda.borda.do.campo-(minaspira.com.br))

Por volta de 1785, uma proclamação assinada por Francisco da Costa Santiago, João dos Santos Guimarães, Manoel do Vale Amado, José Ayres Gomes entre outros, foi enviada ao então Capitão Geral da Capitania, Governador das Minas Gerais, Visconde de Barbacena, com um apelo, escrito na língua da época, com os seguintes trechos:

Ilmo. e Exmo. Sr. Prostados humildemente aos pés de V. Exa. suplicam os povos da Freguesia da Borda do Campo, do Engenho e Simão Pereira, do Caminho do Rio de Janeiro, com os de remotas paragens, serra abaixo do rio do Pomba, que experimentam os mais desabridos incômodos nas dependências de suas demandas, convocando uns a São Joao em distâncias os demais, longe de 36 leguas em tempo de água e perigosos caminhos com passagens de rios e que somam essa penosa contribuição se fará condigna da piedade de V. Exa. para o providento socorro de suas necessidades, etc, etc, etc.. por cujos motivos emploram com suspiros oportunos, remédio de grandeza de V. Exa. facultando-lhes a graça da criação de uma nova vila no Arraial da Igreja Nova da Borda do Campo, assim como tem a piedade de V. Exa. facultando a outros povos menos remotos com essa incomparável graça para refrigério de seus males, e por conter aquele dito Arraial toda a capacidade para uma numerosa povoação situada na estrada do comercio dos viajantes do Rio de Janeiro, etc, etc, etc.

Revista do Arquivo Mineiro, ano I – fascículo 19, publicado em 1896.

O Arraial foi elevado à categoria de Vila no dia 14 de agosto de 1791, com uma solenidade presidida pelo Governador das Minas Gerais.

Auto de criação que faz a Ilmo. Exmo. Sr. Visconde de Barbacena, Governador e Capitão Geral desta Capitania, da Vila de Barbacena.

Ano de nascimento de Nossa Senhor Jesus Cristo de hum mil setecentos e noventa um, aos quatorze dias do mês de agosto, nesse Arraial da Igreja Nova, Termo da Vila de São José, comarca do Rio das Mortes e Casas onde se acha aposentado o Ilmo. e Exmo. Sr. Visconde de Barbacena do Conselho de sua Majestade, Governador e Capitão desta Capitania de Minas Gerais, sempre presente o Dr. Luiz Antônio Branco Bernardes de Carvalho, ouvidor Geral e corregedor desta comarca, e a maior parte da nobreza e muito povo do dito Arraial e sua freguesia etc, etc, etc,... Aí foi dito perante todos pelo Ilmo. Exmo. Sr. Visconde Governador que tendo considerações a grande distância que há dito Arraial e sua freguesia à Vila de São José e das do Mato à de São João del'Rei, etc, etc, etc... que atendendo, também, e principalmente, ao bom sossego público, que padece com a falta de policia que necessariamente devem viver os povos, etc, etc, etc... deferir ao requerimento dos moradores de todo território, o qual vai junto a este, Auto criado Vila este Arraial não só por ser mais central de todos deste Distrito, etc, etc, etc... para bem e melhoramento do Comercio, o qual tem aqui como sua chave. E com efeito disso, ele, etc, etc, etc... que cria e não há por criado este Arraial em Vila para o futuro centro desde de hoje com todas as prerrogativas, privilégios, isenções, honras, foros e liberdades, etc, etc, etc... e para ser governada por uma Câmara própria, juizes ordinários, etc,etc,etc...

(...)

Instaram todos com aclamações às quais foi necessário ceder e com efeito disseram e assentaram que esta Vila ficava hoje para o futuro com sobredito nome de Barbacena, para que ele apelidado de todos os instrumentos públicos, atos e termos judiciais.”

Revista do Arquivo Mineiro, ano I – fascículo 19, publicado em 1896.

A cidade tinha uma localização privilegiada que trazia muitas vantagens para o comércio, ficava no entroncamento do Caminho Novo com o Velho, sendo uma estratégica passagem para os que se dirigiam ao interior de Minas e rota comercial e entreposto de víveres e escravos africanos, já que liga Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso ao Rio de Janeiro. Barbacena entrou para a história sendo cenário de fatos importante.

Para acessar Minas, era necessário passar por Barbacena, como foi o caso de Pedro I, que por duas vezes esteve presente na cidade. Sendo a segunda passagem, juntamente com a Imperatriz Dona Amelia, na data de 11 de março de 1831.

Na Inconfidência Mineira, dos 24 inconfidentes que constaram da sentença da alçada, vários tinham vínculos com a cidade de Barbacena. Esse é o possível motivo para a escolha da cidade para receber o braço direito de Tiradentes (*Fig. 20*).



Figura 20 Monumento onde indicando local que braço de Tiradentes foi enterrado. Fonte: Cintia Murta, 2021

Fato esse que tornou o membro do inconfidente símbolo da cidade e centro do emblema da cidade (*Fig. 21*). Essa atitude serviria de exemplo e advertência aos que se revoltassem contra o governo.



Figura 21 - Primeiro brasão do Município de Barbacena. Fonte: [Apontamentos sobre a criação do brasão do município de Barbacena - Jus.com.br](#) | Jus Navigandi, 2021

No dia 10 de junho de 1840, estourou a Revolta de Barbacena, e a cidade aderiu a Revolução Liberal e se declarou sede do governo da província, aclamando o Coronel Jose Feliciano Pinto Coelho da Cunha, como presidente interino da província, pela Câmara Municipal.

Em 1881, Barbacena foi cogitada como possível local para capital de Minas, indicada pelo senador Xavier da Veiga. No entanto, ela foi eleita para participar da definição da sucessora de Ouro Preto. E em setembro de 1893, os congressistas mineiros se encontraram, em Barbacena, e decidiram a localização da nova capital, no dia 15 de dezembro. No dia 17, do mesmo mês, Crispim Jacques Bias Fortes, barbacenense e presidente do Congresso, declarou a promulgação da lei nº3, adicional à Constituição do Estado, ficando as coordenadas em que sede ser edificada a Capital do Estado de Minas Gerais.

E foi através da lei nº 843, de 7 de setembro de 1923 que a cidade recebeu o nome de Barbacena.

Hoje, a cidade de Barbacena possui bens protegidos com tombamentos federais, estaduais e municipais. No fim do trabalho o apêndice apresenta uma lista desses bens.

5. A IRMANDADE E A IGREJA DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE

A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte foi fundada no dia 28 de setembro de 1754, no antigo Arraial da Igreja Nova da Borda do Campo.

Nossa Senhora da Boa Morte, faz referência a “dormição de Maria” que foi quando Maria deixa essa vida e é levada ao céu pelos anjos, chamada Assunção de Maria.

Os livros pertencentes ao arquivo da Igreja, que em grande parte está ilegível, constam o ingresso dos primeiros membros da irmandade, que são irmãos moradores das redondezas e também de localidades distantes como, Rio de Janeiro, Remédios, Santa Rita, São Gonçalo do Campo, Lavra do Registro, Barroso, Lavras de Torres, Fazenda do Quilombo de Santa Rita, Conquista, Ibitipoca, Ribeirão, São Joao, Piranga, Calambau, Bertioga, entre outros. O que chama atenção devido a distância e dificuldade de comunicação.

Um dos livros de anotações mais antigos pertencentes ao arquivo paroquial, exhibe uma nota assinada pelo Padre Feliciano Pita de Castro, primeiro vigário da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, com a data de 17 de junho 1782. Padre Feliciano foi vigário de 1754 à 1784, quando faleceu e como sucessor foi nomeado o Dom Agostinho Pita de Castro.

Apesar de fundado em 1754, o seu estatuto foi redigido apenas entre 1780 e 1790, nele está registrado que a Irmandade era constituída de homens pardos conforme escrito no primeiro artigo, respeitando a grafia original:

Nós os devotos homens PARDOS moradores nesta Freguezia de Nossa Sra. da Piedade da Borda do Campo, Termo da Villa de SmJoze, Comarca do Rio das Mortes, Bispado de Mariana, MINAS DO OIRO e Estao do Brazil, assentamos q. visto termos colocado em sua Capella própria, dentro da Matriz da Mesma Freguezia a gloriosa Imagem de NSra. da Boamorte, fazemos este compromisso.

A irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte funcionou por muitos anos na Matriz de Nossa Senhora da Piedade.

Devido à dificuldade de comunicação daquela época, eram poucos os irmãos que pagavam mensalmente. Mas existia homens responsáveis por viajar para cobrar os membros, esses eram chamados de Ermitães. Saíam uniformizados roupas azuis, que era a cor oficial da Irmandade, e cavalgavam por meses em busca contribuições.

Os Ermitães viviam na Chácara dos Ermitães, que era mantida pela Irmandade, pelo que está registrado nos livros do arquivo paroquial, havia na chácara plantações, criações, moinho de fubá, tudo voltado á manutenção dos Ermitães. Quando esses homens chegavam da viagem, era realizada com muito rigor, a prestação de contas, que deveria passar pela aprovação da diretoria e posteriormente do Provedor da Comarca. Todas as movimentações eram registradas no Livro de Acórdãos, juntamente com a atas de todas as reuniões referentes a irmandade.

No dia 21 de outubro de 1792 foram convocados todos os irmãos para que fosse decidido sobre a construção da capela da Irmandade e ficou definido a construção. No dia 29 de outubro de 1793, foi proposto o local onde seria a construção da capela, como consta no Livro de Acórdãos:

Aos vinte nove dias do mez de outubro de mil setecentos e noventa e três nesta Matriz de N.S.da Piedade de Barbacena em meza e consistorio da Irmandade de N.S.da Boa Morte nella congregados o som do sino tocado os fiscaes mezarios e mais Irmãos da mesma Irmandade prezedindo o Revm. Paroco desta Freguezia por ele foi proposto a mesma Irmde. O sitio em que se devia principar a nova capella e pelos devotos foi resolvido que em atenção aos despachos Excelentíssimo Sr. General desta Capitania e da Comarca desta Villa se edificasse e principiase a capella no sitio da Boa Vista no fim da rua que vai pa. a Villa de S. Jose escludo o sitio que se tratava pelo ípoco âmbito que tem pella nesecidade que tem esta Villa do terreno excluído pello despacho da mesma Comarca e de como asentarão não somte. no sitio ja dito mais tambem que se desse logo pronsipio a dita obra asinarão este acordam e eu João da Costa Pereira Ozorio escrivão por comição desta Irmandade que escrevi e assignei a) Dom Agostinho Pitta de Castro. Antonio Correa de Mello Albuquerque. João da Costa Pera. Ozorio.

Em 15 de Janeiro de 1794, em uma reunião da Mesa Diretora, foi confirmado o local de edificação da capela. Onde também foi solicitado a providencia de um mestre de obra ou um arquiteto para assumir o trabalho, além das medidas da capela-mor, que seria cinquenta e dois palmos e meio de comprimento por 27 de largura e sistema construtivo, que seria realizado em pedra, para aumentar a durabilidade da construção.

Pela falta de recursos, a construção não foi erguida em pedra, como planejado, fora construída em madeira, e mais tarde substituída pela atual, em pedra, com traçado transitório do rococó para o neoclássico.

A obra enfrentou dificuldades como de acesso a materiais, precariedade de comunicação e burocracias, já que existia a obrigatoriedade de autorização do Reino para todas as decisões. Além, da já mencionada, dificuldade enfrentadas pelos Ermitães na cobrança dos pagamentos dos irmãos.

O lançamento da pedra fundamental, que marca o início das obras, foi realizado do ano de 1794 e durante vários anos, a obra teve como administrador o Tenente Antônio Corrêa de Melo Albuquerque e entre os anos de 1795 e 1797 a obra não progrediu muito devido a falta de recurso. E de 1798 a 1802 a obra começa a avançar.

De acordo com nota registrada no Livro de Acórdãos, no dia 13 de dezembro de 1799 aconteceu o traslado da imagem de Nossa Senhora da Assunção para a capela. E nesse mesmo ano foi comprado um sino, mesmo com a inexistência de torres. Neste mesmo livro, registrou-se a acórdãos que demonstram novas dificuldades na continuação das obras, o primeiro cita a falta de interesse dos irmãos e as renúncias realizadas, por parte dos idealizadores da obra, para uma maior possibilidade de execução. O segundo registro se trata de uma oferta feita aos Ermitães uma espécie de bônus sobre o valor arrecadado por eles.

Em 1801, aconteceu o primeiro jubileu, mesmo com a obra inconcluída. Nesse mesmo ano, de acordo com os registros da irmandade, foram realizados os pagamentos aos trabalhadores e oficiais da obra da sacristia, alpendre e de um esquife.

Não se sabe ao certo o ano de conclusão da construção da primeira capela, em madeira, e começo da reformulação da mesma que resultou na atual, mas os registros nos livros pertencentes ao arquivo paroquial, a partir do ano 1815, passa a fazer referência apenas a obra da nova capela.

No frontispício da igreja é registrado o ano 1815 (Fig. 22). MASSENA *apud* MASSENA, 1985, cita em seu livro “A Igreja da Boa Morte Traz no frontispício a data de 1815. Mas creio o edifício é muito mais antigo e 1815, foi talvez, o ano de uma das suas principais remodelações”, já LIMA, 2004, p.44, que de acordo com

documentos da época, acredita que “A decisão soberana da mesa contrariou de certo modo o

desejo primeiro manifestado do rei de Portugal...a escolha do local não poderia ser a melhor escolha da irmandade, ..., pela apreciável soma dos recursos já gastos...”



Figura 22 Frontão da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte com data de 1815. Fonte: Rafael Castro Lima Bertonin

No ano 1831, de acordo com o Livro de Acórdãos, a Chácara dos Ermitães foi fechada e o terreno vendido e no ano seguinte as torres concluídas. De acordo com BAZIN, as torres redondas da igreja, muito provavelmente, foram inspiradas na Matriz de São João Batista do Morro Grande, em Barão de Cocais.

Consta também registro do pedido de demolição da capela antiga, que se encontrava dentro da igreja e construção de um cemitério externo e improvisado.

Os altares, segundo MASSENA, 1985, foi construído com recurso deixado, em testamento, por Antônio José Ferreira Armand, totalizando o valor de três contos de reis.

Oficialmente, a data da festa de Nossa Senhora da Boa Morte, é 15 de agosto, a qual os irmãos deveriam comparecer com suas roupas oficiais, que eram opas azuis claras e murças brancas, além de tochas acesas.

No ano de 1856, em reunião da mesa da Irmandade, ficou decidido a confecção de uma túnica para a Padroeira da igreja, que deveria ser em cetim de cor azul clara com florões em fios de prata. Nessa mesma reunião ficou decidido pela busca de entendimento com a Comissão nomeada pela Câmara referente a construção do cemitério geral, atual Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte.

Em 1865, segundo LIMA, 2005, o explorador e orientalista britânico, Sir Richard Francis Burton, visitou a cidade de Barbacena e a Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e deixa a seguinte anotação:

Visitamos, depois, a Igreja de de Nossa Sra. da Boa Morte; é um grande edifício, situado na encosta ocidental, mais bonita de longe. O exterior de granito e esteatita é grotesco, tendo as torres dois relógios, aparentemente simulados, e que deixam o trabalho para o relógio de sol que há perto, e uma sacristia moderna, muito feia, de um estranho estilo, foi pregada a construção original, que traz a data de 1815. Assim, Castelnau errou ao supor que a construção inacabada fora abandonada, como o Aquiles do Hyde Park. Essas igrejas do Brasil pertencem às irmandades, que as constroem depressa ou mais devagar, conforme permitem os fundos arrecadados; os estrangeiros mostram-se dispostos a profetizar que a construção cessou, e censurar a falta de zelo em nossos dias. E, no entanto, as construções prosseguem...”

Os relógios não eram simulados, como suposto por Burton, mas o mecanismo se perdeu com o tempo. Mas em 1868, no dia 16 de julho, a mesa administrativa da irmandade decidiu mandar consertar o relógio de uma das torres, como consta no Livro de Acórdãos.

Conforme registrado em um dos livros de contas da irmandade, a primeira missa realizada no altar-mor da igreja foi realizada no dia 3 de março de 1878.

Toda a história e informações sobre a Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e sua Irmandade são baseadas nas anotações dos diversos volumes de livros da própria Irmandade, que pertencem ao arquivo paroquial da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte.

Atualmente, a Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte é tombada pelo Patrimônio Federal.

6. CEMITÉRIO DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE

O cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte está localizado em anexo a Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte.

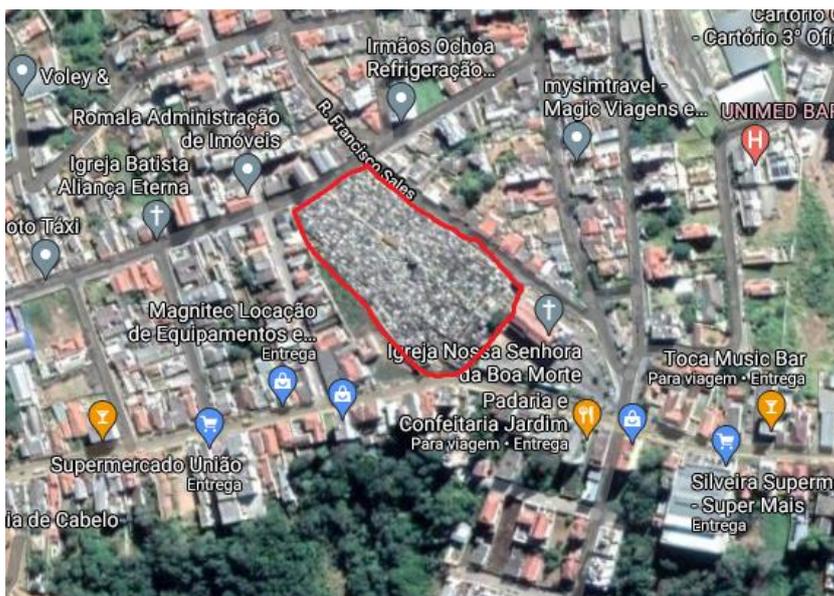


Figura 23 Localização do Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte – Barbacena. Fonte: Google Maps

No início da irmandade, com a mesma funcionando na Matriz de Nossa Senhora da Piedade, os sepultamentos dos irmãos eram realizados na própria matriz e em igrejas da região, como mostra o trecho do seguinte despacho, arquivado pela paróquia:

Tão bem com seder-lhes quatro cepulturas na mesma Matriz e hua em cada filial daquela Freguezia, pa. serem sepultados os Irmãos que faleceram pagando os Suptes. a fabrica della 500 reais por cada hua anualmte. como há costume demarcandoce todas pelo mesmo Revm. Paroco que elegera...ateste querendo não avendo inconveniente. Va. de S.João 23 de 9bro de 1786

Como não haviam cemitérios naquela época, os sepultamentos eram realizados no adro ou no interior das igrejas, e os irmãos que tiveram cargos na irmandade, tinham alguns privilégios, como mostra o seguinte trecho de um livro denominado Compromisso, pertencente a paróquia.

falecendo algu irmão desta Irmandade q. tenha exrcitado os cargos maiores della e venha a decahir em pobreza tal q.não tenha com q. comprar hus

sepultura dentro da Matriz, a Irmandade lhe pagara pa. se não sepultar no adro della, isto em qto. Não puder fazer capella própria.

De acordo com LIMA, 2004, é muito provável que a partir do início das obras de construção da primeira capela da Boa Morte, edificação de madeira erguida em terreno definido pela mesa diretora em 15 de janeiro de 1794 e que posteriormente foi envolta pela atual Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e demolida, tenham sido realizados sepultamentos dentro e no adro da mesma.

No ano 1831, de acordo com o Livro de Acórdãos, a Chácara dos Ermitães, que eram homens responsáveis pela cobrança das taxas que os irmãos pagavam a Irmandade, foi fechada e o terreno vendido e no ano seguinte as torres da igreja concluídas. Consta, além de um registro do pedido de demolição da capela antiga, a construção de um cemitério externo e improvisado.

Em 1832, a Câmara Municipal, já atribuída de cuidar sobre assuntos dos cemitérios e saúde pública, pressionou a Irmandade para a construção do cemitério e a e em reunião da mesa diretora, ficou registrada no Livro de Acórdãos:

ACORDARÃO que visto o empenho e estado precario em que se acha a Irmandade e que não pode cuidar do cemiterio, e mesmo porque o designado ainda não esta prompto se dirija hua supplica a Camara pedindo-se-lhe hum prazo razoavel que pelo menos deve ser de seis mezes para esta Irmandade cuidar de fazer o cemitériogeral.

No dia 28 de julho de 1854, houve uma reunião da mesa da Irmandade, presidida pelo Vigário da Paroquia da Piedade, Padre Joaquim Camilo de Brito, que originou o seguinte registro, pertencente ao arquivo paroquial.

Entender-se com a Comissão nomeada pela Camara para tratar d cimiterio geral, e que se ofereça para o estabelecimento da mesma o terreno que a Irmandade possui em frente do funfo de sua capella, e mais a quantia de cessenta carros de pedra até oitenta, de arvenaria, ficando a Irmandade com o direito de ter no mesmo cimiterio cento e cinquenta sepulturas para os cadaveres doa que foram irmãos da mesma, e ficando o direito de construir catacumbas e túmulos em proporção do valor do terreno e material que oferece para o mesmo simiterio, mas que no caso da comissão não asseitar esta proposta com suas condições, que se trate de construir no terreno oferecido o simiterio particular da Irmandade tendo em visto quando se tractar de construcção o termo médio dos corpos que se sepulta no adro da igreja, e as mais condições aconselhada pela hygiene exigida em leis do paiz.

Sobre a também providência do Vigário Brito, registrou-se, na data de 20 de agosto de 1854, uma oferta, de caso não houvesse oposição da Câmara, que era de interesse da Irmandade incorporar-se a também Irmandade da Matriz e as demais

irmandades, que se interessasse, para a construção do cemitério geral e seria oferecido a quantia de duzentos mil reis, para a construção.

De acordo com MASSENA, 1985, a benção do cemitério foi realizada no dia 7 de novembro de 1863 pelo Vigário Monsenhor João Gonçalves de Oliveira Ribeiro e em 9 de novembro do mesmo ano, foi celebrada a primeira missa na capela mortuária (*Fig. 24*) do cemitério e realizado o primeiro sepultamento, da escrava de Custodio José de Carvalho.



Figura 24 Capela Mortuária do Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte. Fonte: Cintia Murta Lima

Em registro no livro de Tombos da Paroquia da Piedade, está a seguinte anotação, que apesar de não ser o objetivo, descreve a negociação acerca do cemitério:

Cemitério. Há um cemitério, atraz e perto da igreja da Boa Morte, em cujas terras foi construído, em 1863, pela Fabrica, pelas irmandades de Boa Morte e SSSacramento e também pela Camara desta cidade, e, segundo testemunho do Snr. Joaquim José de Castro Vianna, fabriqueiro¹, provisionado desde 1858, pelo Exmo. Dr Viçoso, testemunho de que dá fé, por este registro, o actual Parocho, houve um acordo pelo qual o Cemiterio foi entregue ao então Parocho, C. João Gonçalves de Oliveira Ribeiro, ficando a Camara só com o direito às obras d'arte. Actualmente, a igreja só tem sido respeitada no direito de cobrar os emoluentes da fabrica, de assignar as guias, devendo estas ser trazidas ao VISTO e à assignatura do Parocho, antes de se proceder o enterramento do cadaver, assistindo-lhe igualmente o direito de riscar as sepulturas, por serem estas das fabrica,

conforme consta da tradição ininterrupta e de todos os livros de contas e registros de óbitos, aprovados pelas autoridades civis antes da Lei de Separação. Importa, pois, dizer que a assignatura das guias pelo Parocho antes do enterramento, as guias archivadas na Matriz, os livros de óbitos, abertos, encerrados e rubricados pelo Parocho, a denominação dada de – Fabrica ou Irmandade – a todas as sepulturas, a aprovação d’esses registros pelas auctoridades civis do Imperio, a nomeação do Fabriqueiro pelas autoridades eclesiásticas, a contribuição por sepultura respeitadas por todos desde 1863, tudo isto confirma a tradição e prova exuberante o character religioso do cemiterio local. Está, elle, convenientemente cercado de muros pelos lados e pelo fundo, e de gradil pela frente. E pra terminar ahi vae a seguinte nota colhida dos livros da Fabrica pelo Exmo. Prof. Soares Ferreira: “A 7 de novembro de 1863, a capellinha do cemiterio foi benta pelo Vig. C. João Gonçalves de Oliveira Ribeiro. A 8 do mesmo mez e anno, foi bento o cemiterio geral pelo mesmo Vig.. A 9 do mesmo mez e anno, foi fita a primeira missa da capellinha pelo mesmo Vig. No 9 de novembro de 1863, foi ahi sepultada uma escrava do Snr. Custodio José de Carvalho, foi o primeiro cadáver qye recebeu esse cemiterio, que até 31 de dezembro de 1916 contava o n. de 9426 cadaveres.”

Nos registros desse mesmo livro, pode-se notar um desentendimento sobre a propriedade do cemitério, como consta no trecho anterior e no seguinte:

Aos 26 de novembro de 1918, o Vigario Francisco Lopes de Araujo recebeu officio que vae em seguida copiado com a resposta ao pé da mesma data. “Barbacena, 26 de novembro de 1918. Ilmo. E Revmo. Pe. Francisco Lopes de Araujo, DD Vigario da Parochia de Barbacena. Saudações. Rogo a V.Revma. a fineza de informar ao pé desta para justificativa ao encarregado do cemiterio minucipal, qual o acordo feito com esse funcionário para o recebimento do imposto da “Cruz” cobrado para a Matriz, e bem assim se as importancias tem sido entregues ao revmo. Vigario da Parochia. Antecipando os meus agradecimentos, subscrevo-me com muita estima de V.Revma. am. e obrg. e cr.Gabriel Bittencourt. Director da Fazenda Minicipal” A resposta: “Barbacena, 26 de novembro de 1918. Em resposta, cabe-me informar que desde agosto do corrente ano, não tem sido entregues ao Vigario da Parochia as guias, nem à Fabrica da Matriz os dois mil reis por sepultura simples, ou quatro mil reis nos enterros solemnes. O encarregado deve ganhar por proposta do Vigario 10% sobre esta renda. Com muito respeito, Pe. Francisco Lopes de Araujo, Vigario da Freguezia. P.S. À resposta acima (...) peço licença pa. ajuntar a seguinte observação – que o Cemiterio local figura desde sua fundação em 1863, como porochial, cabendo a Camara somente sua fiscalização e direitos sobres as obras d’arte; assim se vê em todos seus livros, aprovados antes da lei de separação, pela autoridade civil. Barbacena, 26 de Novembro de 1918. O Vig. Francisco Lopes de Araujo”

O cemitério atualmente reúne um grande número de sepulturas e um belíssimo acervo de obras tumulares, das mais simples às mais grandiosas e de diversos estilos e simbologias. E se encontra também, grandes nomes da história do Estado de Minas Gerais. Como podemos notar nas imagens a seguir:

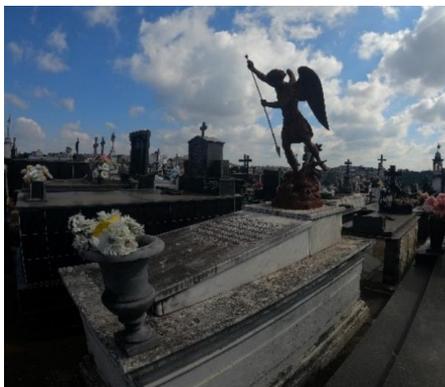


Figura 26 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Mor Barbacena. Fonte Cintia Murta Lima



Figura 25 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte - Barbacena. Fonte Cintia Murta Lima



Figura 28 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte - Barbacena. Fonte Cintia Murta Lima

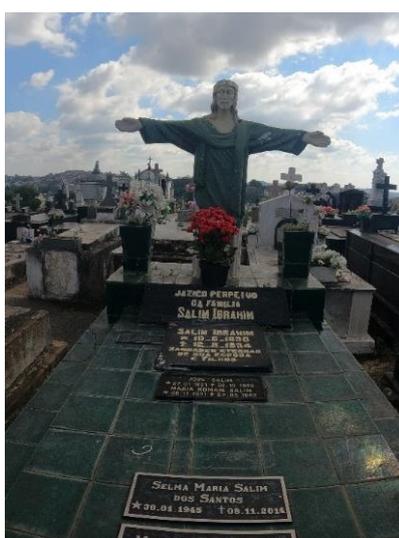


Figura 27 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte - Barbacena. Fonte Cintia Murta Lima



Figura 30 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte - Barbacena. Fonte Cintia Murta Lima



Figura 29 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte - Barbacena. Fonte Cintia Murta Lima



Figura 32 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte - Barbacena. Fonte Cintia Murta Lima



Figura 31 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte - Barbacena. Fonte Cintia Murta Lima



Figura 34 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte Barbacena. Fonte Cintia Murta Lima



Figura 33 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte Barbacena. Fonte Cintia Murta Lima



Figura 36 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte Barbacena. Fonte Cintia Murta Lima



Figura 35 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte Barbacena. Fonte Cintia Murta Lima

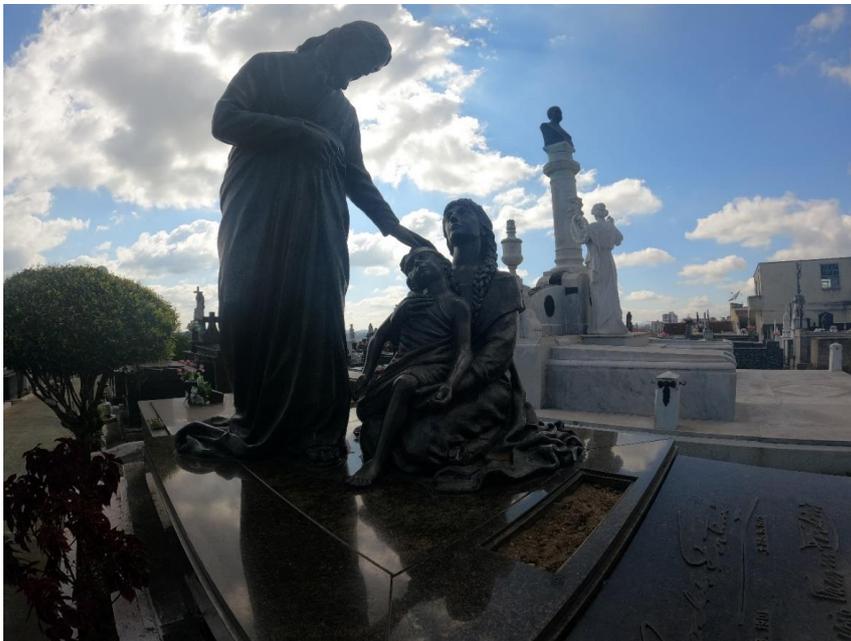


Figura 37 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte Barbacena. Fonte Cintia Murta Lima

De acordo com o site do Ipatrimônio, o total de 58 túmulos, chamado de Núcleo Histórico do Cemitério da Boa Morte, foram tombados pela Prefeitura Municipal de Barbacena. Mas só foram encontrados registros de seis, que são:

Sepultura do Padre Mestre José Joaquim Correia de Almeida

Sepultura n. 292 D de Gabriela Andrada

Sepultura n. 276 D de José Bonifácio Lafayette de Andrada

Sepultura de Crispim Jacques Bias Fortes

Sepultura de Honório Armond

Sepultura do Padre Manoel Rodrigues da Costa

6.1 MAUSOLÉU DA FAMÍLIA SAD

Localizada na Rua Francisco Sales, no Bairro da Boa Morte, logo após o portão de acesso do cemitério anexo a Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, esse mausoléu (*Fig. 38*) foi construído, provavelmente, no início do século XX. A construção no estilo neoclássica, respeitando os ornamentos de ordem dórica, é em cimento com acabamento que faz com que a estrutura se assemelhe a pedra.



Figura 38 Mausoléu da Família Sad. Fonte Cintia Murta Lima

Sua planta é retangular e seu frontispício (*Fig. 39*) é caracterizado por frontão e cornijas decoradas com a ordem dórica, sustentados por duas colunas, com fustes cilíndricos e lisos, e capiteis que se perderam com o tempo. Com aspecto clássico e singelo, não possui imagens, apenas uma cornija acima da porta que é feita de ferro com vidros e sobre a porta está escrito, mais acima da cornija está escrito: “LENA DE FAGUNDES NETTO – 28 – 10 – 35 –”, porem nos livros da administração do cemitério, não contem esse nome. O arquivo dessa sepultura tem os seguintes registros: JOSÉ ARTHUR COSTA SAD, FALECIDO EM 06 DE MARÇO DO ANO 2003, ~~(não especifica se seria 1903 ou 2003)~~ COM 41 ANOS DE IDADE E DATH OLIVIA FONTANA COSTA SAD, FALECIDA EM 07 DE AGOSTI DE 2010 COM 82 ANOS. E em anotações, na mesma folha, está escrito “Pagou Perpetuidade em prestação pela guia nº 657 no valor de 1.065,60 em 09.12.1971. Tem jazigo de 1ª”.

Essa anotação sobre a posse do jazigo de nº 1, se dá pelo fato do mausoléu ocupar 2 lotes.



Figura 39 Fachada Frontal - Mausoleu Família Sa. Fonte: Cintia Murta Lima

Nas fachadas laterais (Figs. 40 e 41) encontra-se apenas uma janela em cada lado, fechadas com vitrais idênticos visualizados, de forma clara, apenas pelo lado interno do mausoléu.



Figura 40 Fachada lateral esquerda. Fonte: Cintia Murta Lima



Figura 41 Fachada lateral direita. Fonte: Cintia Murta Lima

Já na fachada posterior (Fig. 42) encontra-se também uma janela com vitrais, mas com desenho diferente das laterais.



Figura 42 Fachada posterior. Fonte: Cintia Murta Lima

O acesso se dá através de uma pequena escada de 3 degraus que se encontra entre dois canteiros de flores, que no momento está sem manutenção e direciona à porta.

O mausoléu permanece fechado e só os familiares tem acesso ao seu interior, porém, pela falta de manutenção do mesmo, o trancamento da porta se dá por uma corrente de ferro e um cadeado, possibilitando uma pequena visualização do interior da construção que possui um altar feito em pedra de mármore, acima do altar, visualiza-se o vitral da janela posterior (*Fig. 43*), que simboliza o Divino Pai Eterno. Nos vitrais das laterais (*Fig. 44*), formam um desenho que parece fazer referência ao paraíso, ou às ondas do mar vermelho, e arrematado por uma rocalha. O que somado, a claridade e simplicidade do interior da edificação, faz lembrar o estilo Rococó.



Figura 43 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte - Barbacena. Fonte Cintia Murta Lima



Figura 44 Cemitério de Nossa Senhora da Boa Morte - Barbacena. Fonte Cintia Murta Lima

O piso é em tabua corrida, muito mal conservado, e o forro não é possível visualizar. As paredes são pintadas em meia parede, inferior, bege e acima na cor amarelo, com muitas avarias devido à falta de manutenção. Cobertura composto por duas águas no sentido das fachadas laterais.

Não apresenta mais ornamentos e objetos representativos.

6.2 MAUSOLÉU DA FAMÍLIA SAD

Nesse mausoléu encontra-se os restos mortais de José Maria Metello, falecido em 1920, Sylvia Metello Campos, falecida em 1880, Geraldo Rodrigues Campos, falecido em 1988 e Rubens Metello Campos, falecido em 2005.

José Maria Metello foi um importante político, no Mato Grosso no final do século XIX e início do século XX. Formou-se bacharel em direito em 1876 e ocupou o cargo de juiz municipal da cidade de Corumbá, de 1877 até 1880.

Em 1881 mudou-se para o Rio de Janeiro, e passou a exercer o cargo de juiz substituto do Rio de Janeiro. Em 1885 se tornou deputado geral do Império. No ano de 1891 retornou ao Mato Grosso e ocupou o cargo de desembargador e de deputado na Constituinte Estadual, vindo ao cargo de presidente da mesma e em 1893 se tornou juiz federal de Cuiabá.

No ano de 1890, foi escolhido para Senador pelo Estado do Mato Grosso, onde exerceu funções de segundo, terceiro e quarto secretário da mesa diretoria e membro de redação das leis, justiça e de legislação. Nesse mesmo período, presidiu a Sociedade Mutua de Pecúlios “A Bonificadora”, sediada no Município de Barbacena, em Minas Gerais. Seu último cargo foi de ministro do Tribunal de Contas, ao qual ocupou de 1918 até seu falecimento, em 1920.

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm, Espaço Antes: 6 pt, Depois de: 6 pt, Espaçamento entre linhas: 1,5 linhas

Formatado: Fonte: 12 pt, Não Negrito

A construção é em pedra, intercalando na cor mármore e cinza (*Fig. 45*).



Figura 45 Fachada Fontal do Mausoléu da família Metello. Fonte: Cintia Murta Lima

Frontispício composto por três porções (*Fig. 46*), uma central, com pé direito mais alto, e duas laterais mais baixas e com recuo, verticalização característico do Neogótico, estilo da construção. Centro composta por um degrau que direciona à uma porta de ferro, com abertura de duas folhas, fechadas por vitrais externos que não formam um desenho específico, e arrematada por duas meias colunas e arco ogival, duas colunas laterais são responsáveis por realizar a delimitação do conjunto central e sobre essa composição uma placa com os dizeres: “Jazigo Perpetuo de D DEMELTHILDE METELLO”, decoradas por duas guirlandas que simbolizam as mãos de anjos e mais especificamente na linguagem tumular representam o triunfo da vida sobre a morte. São frequentemente associadas à beleza, à nobreza e à precocidade. Composta por flores que, de maneira geral, indicam saudades.

No topo dessa porção central (*Fig. 46*), encontra-se uma cruz latina que remete a sorte e a esperança, representando o sacrifício e o sofrimento de Cristo.



Figura 46 Mausoléu da Família Metello. Fonte: Cintia Murta Lima

Na porção frontal direita, na parte inferior, encontra-se uma placa de pedra rosada que não possui escrita. Logo acima, uma janela, arrematadas por uma meia coluna de cada lado e um arco ogival, ambos fechados por vitrais internos. Logo acima há um fortilhão triangular simples.

A porção frontal esquerda, é idêntica à porção direita, trazendo simetria para a obra, o único detalhe que diverge as duas partes é a placa de pedra rosada da parte esquerda que contem a seguinte escrita, D^R JOSÉ MARIA METELLO. NASCIDO A 10 DE JULHO DE 1853. FALECIDO A 16 DE ABRIL DE 1920. Abaixo encontram-se duas placas encostadas com as seguintes escritas: “GERALDO RODRIGUES CAMPOS 17-02-1909\ 30-12-1988” e a segunda: “SILVIA METELLO CAMPOS 2-9-1907\ 21-8-1980.

Na base da estrutura, encontra-se uma faixa em pedra rosa.

Na fachada a esquerda (*Fig. 47*) encontra-se apenas uma placa em pedra branca com os seguintes dizeres, “AQUI JAZ A MATERIA A ALMA JUNTO A DEUS”



Figura 47 Fachada lateral esquerda. Fonte: Cintia Murta Castro Lima

A entrada se dá por um degrau (*Fig. 48*), em pedra que leva a porta de ferro com vitrais.



Figura 48 Degrau de acesso ao Mausoleu da família Metello. Fonte: Cintia Murta Lima

A fachada posterior (Fig. 49) é composta por duas gavetas tampadas por placa branca, uma delas escrita, "RUBENS METELLO DE CAMPOS" 06.09.1936 03.04.2005". Tem uma coluna no meio e obedecendo a composição frontal, há uma cimalha e logo acima um frontão triangular de cada lado e uma parte central mais alta.



Figura 49 Fachada posterior do Mausoleu da família Metello. Fonte: Cintia Miurta Lima

A fachada lateral direita (Fig. 50) é igual á fachada lateral esquerda, com a única diferença encontrada na placa que, deste nada não há nada escrito.



Figura 50 Fachada lateral direita do Mausoléu da família Metello. Fonte: Cintia Murta Lima

A construção é cercada por uma grade cinza e entre as paredes e a grade, o piso é em ladrilho hidráulico (Fig. 51).



Figura 51 Piso exterior do Mausoléu da família Metello. Fonte: Cintia Murta Lima

Só os familiares tem acesso ao interior da construção, impossibilitando a visualização do mesmo.

Não apresenta mais ornamentos e objetos representativos.

6.2 JAZIGO DA FAMÍLIA BIAS FORTES

Os Bias Fortes, como cita VIANNA, 1956 apud. Horta, 1956; “um dos clãs políticos mais típicos do país”, forneceram influentes lideranças do Partido Liberal no período do Império e até os dias de hoje são considerados uma família bastante influente no país.

A influência da família em Barbacena começa, efetivamente, quando Crispim Jacques Bias Fortes, recém formado bacharel em Direito, chega ao município. Natural de Nossa Senhora do Livramento, que naquela época pertencia à Barbacena e hoje é a atual Santos Dumont, era filho do capitão da Guarda Nacional, Francisco José Oliveira Fortes, e Carlota Benedita Fortes.

Em 1890, por convite do Marechal Deodoro da Fonseca, ocupou o cargo de Presidente de Minas Gerais. Teve outros cargos na vida política, como, deputado e senador.

A família Bias Fortes formou em 1890 uma poderosa aliança política, tendo como protagonista a amizade de José Bonifácio de Andrada e Silva e e Crispim Jacques Bias Fortes, que viria a comandar o cenário político da cidade de Barbacena nas décadas seguintes. E que depois ingressaria na política estadual e mais tardar na federal. De acordo com ANDRADA, 1999, a família Bias Fortes possuía uma notável oposição que eram compostos pela família Gonçalves, donos do jornal local “Cidade de Barbacena”, família Abranches, família Massena e os Sena Figueiredo que era um grupo político dentro do Partido Republicano Mineiro, contra as lideranças municipais. PEREIRA E FARIA, 1994, afirma que a família Armond também estava nesse grupo.

A aliança Bias Fortes e Andradas é interrompida, em 1930, com a Revolução de 1930 e com a disputa pelo poder, em Barbacena, nasce a histórica rivalidade política entre as duas famílias.

Antes do nascimento de Crispim Jacques, seu avô, de mesmo nome, foi deputado à Assembleia Provincial Mineira de 1882 à 1889, senador estadual de 1891 a 1894 e presidente de Minas Gerais de 1894 a 1898. Em 1888, participou da fundação do Partido Republicano Mineiro. Seu pai, Francisco José Oliveira Fortes,

assumiu o cargo de deputado federal de 1925 a 1926, 1935 a 1937 e 1946 a 1950, secretário de Segurança e [AssistenciaAssistência](#) Pública de Minas Gerais de 1926 a 1929, prefeito de Barbacena de 1937 a 1945, ministro da Justiça de 1950 a 1951 e governador de Minas Gerais de 1956 a 1961.

Em 1945, Crispim Jaques, ingressa no Partido Social Democrático e em 1947 candidata-se à Prefeito de Barbacena, sendo derrotada. No ano de 1950 foi eleito deputado federal de Minas Gerais e reeleito em 1954, em 1958 e em 1962. E assim seguiu a vida política de Crispim Jacques, assumindo posteriormente inúmeros cargos.

Formou matrimônio com Cléa Silvia Bias Fortes e dessa união nasceu duas filhas, sendo uma delas, ativa no cenário político da cidade de Barbacena. Além de vereadora eleita em 1996, foi eleita a prefeita da cidade no ano de 2009 e assumiu em 2010.

Jazido



Figura 52 Jazigo Ornamental da família Bias Fortes

Sua planta é retangular e o acesso se dá por um hall e um degrau que leva há um portão de ferro fundido que dá acesso à um platô onde a obra está inserida. O portão de acesso possui uma cruz no topo da peça (*Fig. 53*), que é a representação entre o plano material com o transcendental em seus eixos perpendiculares. É utilizada, em todas as culturas, em diversos formatos e tamanho de braços, para representar uma diversidade de sentidos.

É também símbolo da cristandade. Quando se trata de uma cruz da trindade, ou de trevo, como é o caso desta, simboliza o sofrimento de Jesus Cristo na sua crucifixão. Os remates de três círculos interseccionados representam a Trindade.



Figura 53 Portão de acesso ao "interior" da obra. Fonte: Cíntia Murta

Ao atravessar o portão, encontra-se no chão, uma outra cruz, decorando o piso (Fig. 54).



Figura 54 Cruz que se encontra no chão do Jazigo Fonte: Cintia Murta

Continuando em frente, se encontra uma escada que dá acesso à uma coluna com a escultura de Crispim Jacques Bias Fortes (neto) (Fig. 55).



Figura 55 Detalhe do Jazigo Ornamental da família Bias Fortes. Fonte: Cintia Murta Lima

De frente a essa coluna, simulando estar escrevendo em uma folha que se encontra nessa mesma coluna, há uma representando uma mulher de cabelos recolhidos e vestido longo com um lápis em uma mão das mãos e uma guirlanda em outra (Fig. 56 e 57). Guirlanda simboliza o triunfo da vida sobre a morte, com folhas de louro que simboliza a natureza que se encerra em si, símbolo da sabedoria, da pureza física e da espiritualidade. Muito utilizada nas antigas olimpíadas, premiando os vencedores de prova, remete à vitória e ao triunfo. Na arte tumular é muito utilizada em sepulturas a políticos, que é o este o caso, militares ou artistas.



Figura 56 Figura feminina segurando um lapis em uma mão e uma guirlanda em outra. Fonte: Cintia Murta Lima



Figura 57 Figura feminina segurando um lapis em uma mão e uma guirlanda em outra mão. Fonte: Cintia Murta Lima

No “papel” pregado na coluna (*Fig. 58*) está escrito os seguintes dizeres: “HOMENAGEM DO ESTADO E DO MUNICIPIO”, toda ornamentada com flores de várias espécies como, crisântemo que é a margarida dos mortos, representação dos que nascem, florescem e morrem; as rosas que simbolizam a pureza e o caminho espinhoso traçado durante o viver até a gloria maior; papoulas que é considerada a flor do sono e da morte, que dá o ópio, pode simbolizar também o esquecimento da dor e o sono eterno. E as folhas, flores e frutos, em geral, simbolizam a vitória da alma sobre o pecado e a morte. Associados a nobreza, beleza e precocidade.



Figura 58 Detalhe no Jazigo da família Bias Fortes. Fonte: Cintia Murta Lima

Do lado direito há uma espécie de urna, que olhando pela fachada posterior, percebemos que são gavetas para o depósito de caixões. Sobre a urna direita (Fig. 59) há uma palma que simboliza a luz e a ressurreição. Para os romanos simboliza vitória. Assim como o louro, faz parte de procissões e festejos triunfais. No antigo testamento é usada como representação dos justos e dos atributos femininos, como lê-se no Cântico dos Cânticos 7 e 8;

Seu porte é como o da palmeira;
os seus seios, como cachos de frutos

Eu disse: Subirei a palmeira
e me apossarei dos seus frutos.

Sejam os seus seios
como os cachos da videira,
o aroma da sua respiração como maçãs

É também símbolo do trinfo da Fé em Cristo sobre a morte e atribuído aos mártires. Vários santos como Santa Rita, Santa Filomena, Santa Barbara entre outros, são representados com palmas.

Abaixo uma placa escrita:

“PATRIAE VIXIT
MEMORIA VIVIT
GLORIA VIVET”

Que se traduz em

“O PODER DO VIVIDO
A MEMORIA DO VIVENTE
GLORIA POR VIVER”

E logo abaixo escrito:

“Oscar de Oliveira
Arch. Pus Marian .
Barbacena 13 – 03 – 1971”

A última letra da segunda linha está faltando, é um “a”.

Se trata de Dom Oscar de Oliveira, que era arcebispo de Mariana, provavelmente celebrou alguma missa para o falecido e disse essas palavras acima em latim.



Figura 59 Detalhe, urna direita, no Jazigo da família Bias Fortes. Fonte: Cintia Murta Lima

Já na urna a esquerda (Fig. 60), não há sinais que existia uma placa de formato retangular que se encontra ausente.



Figura 60 Detalhe, urna esquerda, no Jazigo da família Bias Fortes. Fonte: Cintia Murta Lima

Ao fundo existe uma [espécie de parede com um abaulamento horizontal](#) (Fig. 61) [a ????](#)



Figura 61 Parede de fundo do Jazigo da família Bias Fortes. Fonte: Cintia Murta Lima

Do lado esquerdo dessa [parede, e ????????????](#) há uma placa circular (Fig. 62) com o antigo brasão do Estado de Minas Gerais que foi instituído pela lei estadual nº1 de 14 de setembro de 1891 que diz:

Para autenticidade dos actos legislativos, administrativos e judiciais, são adoptados o grande e pequeno sello do Estado, cujo emblema o governo é autorizado a mandar fazer, contendo as allegorias da agricultura e da mineiração, a data de 15 de julho de 1891 e a legenda Libertas quae sera tamen

O brasão é constituído por um círculo dentro do qual se encontram duas figuras humana, uma simbolizando à agricultura e outra simbolizando à mineração, as duas estão encostadas num objeto que possui desenhos que também são relacionados à agricultura e à mineração. Acima desse objeto há uma estrela e todo esse conjunto circundado com as palavras “Estado de Minas Gerais – Libertas quae sera tamen” e abaixo a data “15 de junho de 1891”. Esse brasão foi utilizado até o ano de 1924 e substituído pelo que vigora até os dias de hoje, pelo decreto nº6.498 de 5 de fevereiro de 1924.



Figura 62 Brasão no Jazigo da família Bias Fortes. Fonte: Cintia Murta Lima

O atual brasão (*Fig. 63*) é composto pelo contorno vermelho de uma estrela que em seu interior se encontra um candeeiro e duas picaretas que são ferramentas essenciais na mineração. A estrela é cercada por dois ramos de café e dois ramos de fumo entre a estrela e os ramos de café. Na parte inferior se encontra uma faixa escrita “ESTADO DE MINAS GERAIS” e em um laço logo abaixo “15 de junho de 1891” e na parte superior, também entre o ramo de café e a estrela se encontra os seguintes dizeres “LIBERTAS QUAE SERA TAMEN”.

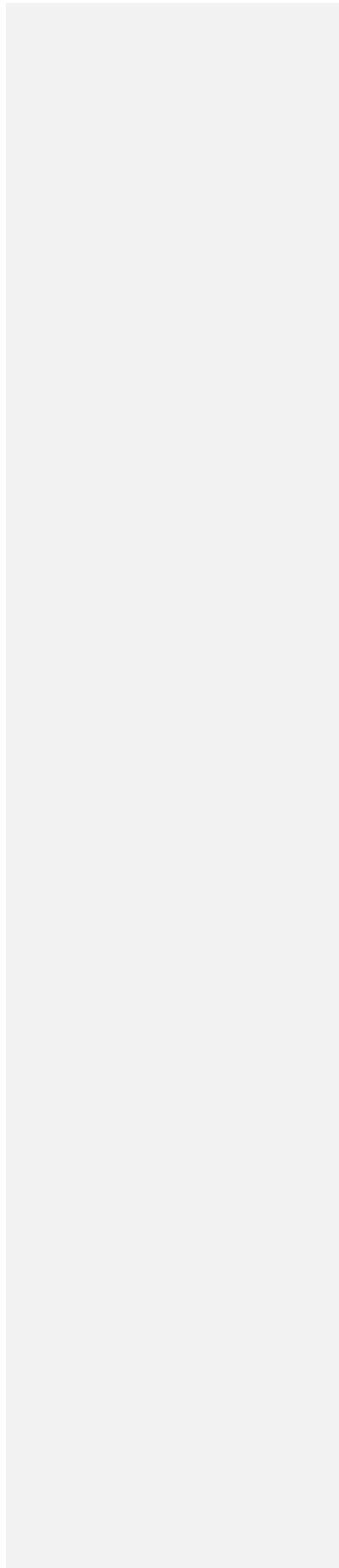




Figura 63 Atual brasão do estado de Minas Gerais. Fonte: Nossos Símbolos | Estado de Minas Gerais (www.mg.gov.br)

No centro da parede, encontra-se a base da coluna central e uma placa de mármore com um monograma de letras que forma uma abreviação do nome de Jesus Cristo (Fig. 64). É um símbolo cristão, formado pela sobreposição das letras iniciais da palavra de origem grega "Χριστός".



Figura 64 Monograma - Jazigo da família Bias Fortes. Fonte: Cintia Murta Lima

O lado esquerdo dessa parede também possui uma placa circular (Fig. 65), que nessa se encontra o brasão da cidade de Barbacena, que é composto pelo braço de

Tiradentes, que é símbolo do Município, que recebeu o braço do inconfidente, que foi enforcado e degolado. O braço do inconfidente está no interior de um triângulo e o conjunto todo contornado por 14 estrelas.



Figura 65 Brasão de Barbacena. - Jazigo da família Bias Fortes. Fonte: Cintia Murta Lima

Sobre a parede encontram-se ramos de folhas e flores (*Fig. 66*) que simbolizam a vitória da alma sobre o pecado e a morte. Associados a nobreza, beleza e precocidade.



Figura 66 Detalhe da parte de cima da parede. - Jazigo da família Bias Fortes. Fonte: Cintia Murta Lima

Em cada lateral da parede há uma coluna, sustentando um vaso com chamas de fogo (*Fig. 67*) que simboliza a imortalidade, algo que não irá se apagar nem com a chegada da morte. Quando as chamas estão voltadas para cima, como é o caso desse ornamento, remete a vida. Podem simbolizar, também, a chama da vida ou a que queima a memória dos mortos.

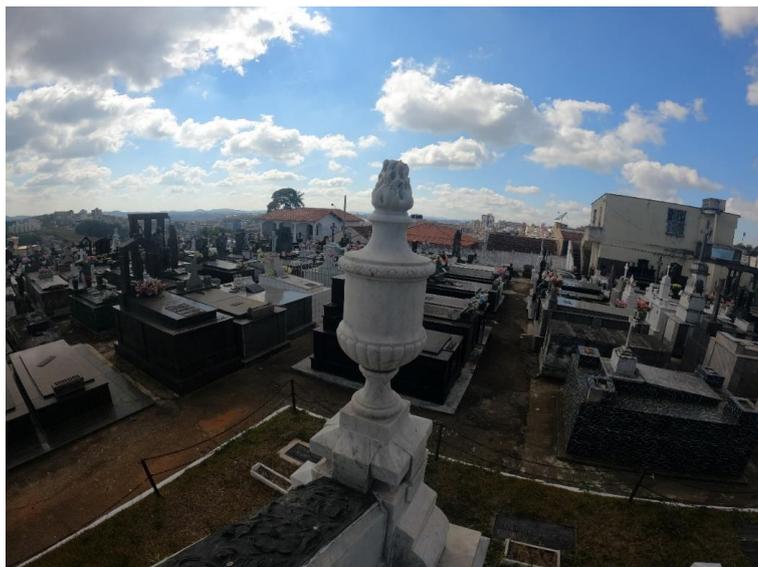


Figura 67 Vaso com chamas. - Jazigo da família Bias Fortes. Fonte: Cintia Murta Lima

Nas extremidades dessa obra central, toda em mármore e ferro fundido, há três oito pequenas colunas (*Fig. 68*) que, aparentemente interligavam uma corrente de isolamento, que não se encontra no local.



Figura 68 Coluna. - Jazigo da família Bias Fortes. Fonte: Cintia Murta Lima

Isso tudo é circulado por uma faixa de terra com gramado, onde estão localizadas várias placas em ferro fundido (Fig. 69), sinalizando os nomes das pessoas enterrados naquela área.



Figura 69 Gramado em volta. - Jazigo da família Bias Fortes. Fonte: Cintia Murta Lima

A parte posterior (Fig. 70), respeita a grandiosidade da obra e dispõe de duas portas de acesso às duas urnas, que de acordo com os funcionários do cemitério, teriam apenas efeito decorativo.

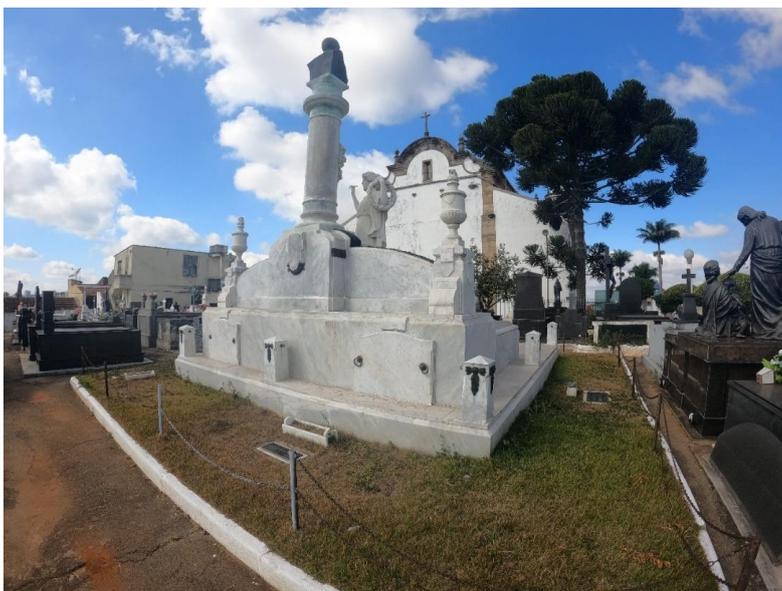


Figura 70 Parte posterior do Jazigo da família Bias Fortes. Fonte: Cintia Murta Lima

Formatado: Fonte: (Padrão) Arial

No livro de registro do cemitério, encontra-se informações dos seguintes sepultados:

Camila Bias, sem informações sobre falecimento, o funcionário informou que essa pode ser a responsável atual pelo lote

Adelaide de Araújo Bias Fortes, falecida em 05.01.1947

Maria Luiza de Holanda Bias Fortes, falecida em 25.07.1952

Crispim Jacques Bias Fortes Filho, falecido em 08.09.1965 aos 02 anos de idade

Simão Tamm Bias Fortes, falecido em 13.03.1970

Francisca Tamm Bias Fortes, falecida em 17.05.1970

José Francisco Bias Fortes, falecido em 30.03.1971

Ana Maria de Abreu de Araújo Cruz, falecida em 21.03.1979 aos 39 anos de idade e transladada para o Cemitério Parque da Colina, em Belo Horizonte – MG em 19.09.2013

Maria Antonietta Tamm Bias Fortes, falecido em 29.11.1994 aos 76 anos de idade

José Francisco Tamm Bias Fortes, falecido em 21.04.1997 aos 64 anos de idade

Clea Sylvia Bias Fortes, falecido em 14.02.2007 aos 82 anos de idade

Crispim Jacques Bias Fortes, falecido em 01.07.2007 aos 86 anos de idade

Maria Isar Tamm Bias Fortes, falecido em 19.09.2013 aos 93 anos de idade

7. CONCLUSÃO

A religião, à cultura, posição social associados à disposição financeira das famílias caracterizam os túmulos, através da utilização da arte tumular e consequentemente o cemitério ao qual está inserido.

Nesses espaços, o simbolismo busca a preservação da memória, além da amortização e abrandamento da ausência daquela pessoa que faleceu. Reparar a arte tumular e tentar compreender as possíveis mensagens e significados que possuem, podem, além de trazer informações sobre a vida daquele morto, servir de grande ferramenta de estudo para historiadores e outros estudiosos.

No Brasil, a falta de pesquisa e investimento a cerca do turismo e cultura em cemitérios é demonstração do descaso. Algumas pessoas já utilizam os cemitérios para finalidades diferentes da convencional, que seria de sepultamento dos corpos, mas o numero de pessoas ainda é muito pequeno. Os cemitérios com grande número de visitas turísticas são na maioria em caso de sepultamento de pessoas famosas, o turismo artístico é pequeno ainda no país. Na cidade de Barbacena, o cemitério recebe apenas visitas com a finalidade convencional do cemitério, não há um plano de preservação e conservação da arte tumular encontrada no local. Objetos são frequentemente roubados e a manutenção é, apenas, em torno da limpeza do ambiente em geral.

A falta de conhecimento ou desinteresse da população e da administração desses cemitérios, aliado com a força que vem ganhando os cemitérios jardins, colocam em risco a arte tumular.

8. REFERENCIA BIBLIOGRAFICA

ALESSANDRA, B. Entrevista: José Bonifácio Tamm de Andrada. *Revista Geraes: um novo jeito de pensar Minas.Barbacena*, v. 1, n. 07, jan. 2008.

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. Cemitério e cidade: imagens e representações da morte. In: IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem/ I Encontro Internacional de Estudos em Imagem, 2013, Londrina. Anais do IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem/ I Encontro

ANDRADA, A. C. de. *Ensaio Histórico: os Barbacenenses na Inconfidência Mineira, Coronelismo*. Barbacena: Cidade de Barbacena, 1985.

ANDRADA, B. J. T. de.; LIMA, A. de. *História de Barbacena*. Coleção Cadernos Históricos, n. 1. Barbacena: Centro de Estudos Históricos da UNIPAC, 1999.

A REVOLUÇÃO LIBERAL DE MINAS GERAIS DE 1842. In: Exército Brasileiro. Disponível em: [A Revolução Liberal de Minas Gerais de 1842 - Patronos \(eb.mil.br\)](http://www.patrimonios.org.br/revolucao-liberal-de-minas-gerais-de-1842)

Arquivo da Igreja Nossa Senhora da Boa Morte – Barbacena MG

BARBACENA – NUCLEO HISTORICO DO CEMITERIO DA BOA MORTE. In:

[ipatrimônio](http://ipatrimonio.org.br). Disponível em: [Barbacena - Núcleo Histórico do Cemitério da Boa Morte - ipatrimônio \(ipatrimonio.org\)](http://ipatrimonio.org.br/Barbacena-Nucleo-Historico-do-Cemiterio-da-Boa-Morte)

Formatado: Fonte: (Padrão) Arial, 12 pt

BAZIN, German, *L'Architecture Religieuse Baroque au Brésil*, Tome II, Paris: Librairie Plon, 1958

BELLO, J. M. *História de República (1889-1954)*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

BOSCHI, Caio César. Os Leigos e o Poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BOURDIEU, P. *A Distinção. Crítica Social do Julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007.

CONHEÇA UM POUCO DA HISTORIA NOS 244 ANOS DE BARBACENA. In:

Barbacena.mg. Disponível em: [Conheça um pouco da história nos 224 anos de Barbacena](http://www.barbacena.mg.gov.br/conheca-um-pouco-da-historia-nos-244-anos-de-barbacena)

COUTINHO, Delliane. *Paróquia de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção*. Mural da igreja

CRISPIM JACQUES BIAS FORTES. In: WIKIPÉDIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Crispim_Jacques_Bias_Fortes>. Acesso em: 08 junho de 2021

FISCHER, Ernest. *A Necessidade da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

Fundação Presidente Antônio Carlos. *A Cultura em Barbacena: Literatura, História e Geografia*. Barbacena: FUPAC, 1999.

HORTA, C. R. *Famílias governamentais de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1956.

LEI ESTADUAL DE MINAS GERAIS 1 de 1891. In: Wikisource. Disponível em: [Lei estadual de Minas Gerais 1 de 1891 - Wikisource](#)

LIMA, Newton Siqueira de Araújo. *A irmandade e a igreja da Boa Morte* (2004)

MASSENA, N. *Barbacena: a terra e o homem*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1985.

[Min. José Maria Metello \(1918-1829\). In. Portal T.C.U. Disponível em:](#)

[Min. José Maria Metello \(1918-1920\) | Portal TCU](#)

OLIVEIRA, J. *José Francisco Bias Fortes*. 2006. Disponível em: <http://www.descubraminas.com.br/destinosturisticos/hpg_pagina.asp?id_pagina=265>. Acesso em: 12 de junho de 2021.

QUINTÃO, Cônego Mario. *Notas históricas da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte* (1967)

VIANNA, O. *Populações meridionais do Brasil: história, organização, psychologia*. 4. ed. São Paulo: Nacional. 1938.

Formatado: Fonte: (Padrão) Arial, Sem sublinhado, Cor da fonte: Automática

Formatado: Fonte: (Padrão) Arial, 12 pt

9. APÉNDICE

I. Bens tombados

Tombamento Federal:

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Morte

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade

Solar dos Andradas

Acervo da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Morte

Acervo da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade

Fazenda do Registro Velho (*Fig.71*)



Figura 71 Fazenda do Resgistro Velho. Fonte: [Barbacena - Sede da Fazenda do Registro Velho -ipatrimônio \(ipatrimonio.org\)](http://Barbacena - Sede da Fazenda do Registro Velho -ipatrimônio (ipatrimonio.org))

Tombamento estadual

Antiga Cadeia Pública atual Casa da Cultura (Fig. 72).



Figura 72 Antiga Cadeia Pública. Fonte: [Bens Tombados: Prédio da antiga cadeia pública de Barbacena \(iepha.mg.gov.br\)](http://bens.tombados:Prédio da antiga cadeia pública de Barbacena (iepha.mg.gov.br))

Tombamento Municipal:

Colégio Santo Agostinho

Escola Estadual Adelaide Bias Fortes

Escola Preparatória de Cadetes do Ar – EPCAR (Fig. 73)



Figura 73 Escola Preparatoria de Cadetes do Ar - EPCAR. Fonte: [FAB abre 130 vagas para o Curso Preparatório de Cadetes do Ar » Força Aérea \(forcaaerea.com.br\)](http://FAB abre 130 vagas para o Curso Preparatório de Cadetes do Ar » Força Aérea (forcaaerea.com.br)), 2021

Escola Estadual Professor Soares Ferreira

Colégio Tiradentes da Polícia Militar

Complexo de edificações do Colégio “Imaculada Conceição” (Fig. 74)



Figura 74 Colégio Imaculada Conceição Fonte: [125 anos: Colégio Imaculada é destaque no ensino de qualidade e valores humanos | Jornal Folha de Barbacena](#)

Escola Estadual Bias Fortes

Escola Agrotécnica Federal, atual Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (Fig. 75)



Figura 75 Escola Agrotécnica Federal. Fonte: [Solenidade comemora os 10 anos do IF Sudeste MG - BarbacenaMais - Notícias de Barbacena e região](#)

Imóvel situados à rua Sete de Setembro n. 1058

Imóvel situados à rua Sete de Setembro n. 123

Casarão da Fazenda Oyama Teixeira

Imóvel situado à rua Antenor José Vicente n. 69

Imóvel situado à avenida Bias Fortes n. 321

Imóvel situado à Praça dos Andradas n. 14

Imóvel situado à Praça dos Andradas n 18

Solar dos Andradas, Residência do Deputado Anuar Fares

Solar dos Esteves, Solar dos Bias

Solar dos Canedo

Ginásio Sílvio Raso

Muro da FHEMIG, situado nas dependências internas do Centro Hospitalar e Psiquiátrico de Barbacena, construído pelo paciente Durval Moreira (1945-1999)

Chaminés da Cerâmica Bonato

Escada situada atrás do prédio do Fórum Mendes Pimentel

Pontilhão situado à rua Monsenhor José Augusto

Pontilhão situado à rua Embaixador Rui Barbosa

Pontilhão situado à Linha da Oeste, denominado "Túnel Alberto Bernini"

Pontilhão Dom Pedro II

Monumento aos Pracinhas

Sepultura do Padre Mestre José Joaquim Correia de Almeida, localizada no Cemitério da Boa Morte (Cemitério da Boa Morte)

Sepultura n. 292 D de Gabriela Andrada (Cemitério da Boa Morte)

Sepultura n. 276 D de José Bonifácio Lafayette de Andrada (Cemitério da Boa Morte)

Sepultura de Crispim Jacques Bias Fortes (Cemitério da Boa Morte)

Sepultura de Honório Armond (Cemitério da Boa Morte)

Sepultura do Padre Manoel Rodrigues da Costa (Cemitério da Boa Morte)

Sede da Fundac, Instituto “Tenente Ferreira, Manicômio Judiciário

Delegacia de Polícia

Sede do Comando do 9º Batalhão de Polícia Militar de Minas Gerais

Pré-Juvenato São Geraldo

Mosteiro “Padre Cunha”

Fórum Mendes Pimentel (*Fig. 76*)



Figura 76 Fórum Mendes Pimentel. Fonte: [Imagens de Barbacena: Fórum Mendes Pimentel](#)

Antigo Hospital Colônia da FHEMIG

Postinho do Telégrafo

Cia Têxtil Ferreira Guimarães

Prédio da Liga dos Homens do Trabalho

Prédio dos Correios, Instituto Onda Gomes

Fundação Porphiria e José Máximo de Magalhães

Prefeitura Municipal de Barbacena

Estação Sericícola

Antiga Cadeia Pública atual Casa da Cultura

Estação Ferroviária

Santa Casa de Misericórdia (Fig. 77)



Figura 77 Santa Casa da Misericórdia de Barbacena. Fonte: <https://s03.video.qlbimg.com/x720/6813470.jpg>

Palácio da Revolução Liberal (Fig. 78)



Figura 78 Palácio da Revolução Liberal (Atual Câmara Municipal). Fonte: [Ei... volta aqui](http://camaramunicipal.com.br) camaramunicipal.com.br

Casarão da Praça Dom Silvério

Passinho da Paixão situado à rua Vigário Brito

Passinho da Paixão situado à rua General Câmara

Passinho da Paixão situado à Praça dos Andradas

Passinho da Paixão situado à Praça Padre Corrêa

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Morte

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade

Capela do Educandário dos S. C. de Jesus e Maria

Igreja de São José, Basílica de São José Operário

Igreja de São Sebastião

Igreja de Nossa Senhora do Carmo

Igreja de Santo Antônio

Igreja de Nossa Senhora do Rosário

Museu Georges Bernanos

Museu Municipal

Museu Casa de Marcier

Fazenda do Registro Velho

Jardim do Globo (*Fig. 79*)



Figura 79 Jardim do Globo. Fonte: [Vertentes das Gerais](#)

Praça Santos Dumont

Cemitério da Fhemig

Conjunto arquitetônico do Instituto José Luiz Ferreira

Conjunto arquitetônico e paisagístico do Jardim Municipal

Conjunto de telas representando a “Via Sacra” de autoria de Edson Mota

Acervo Jornal Cidade de Barbacena

Acervo que integra o Serviço de Arquivo.